

A vila operária da Madeireira Gomes: trabalho, moradia e dominação – Irati (PR) – 1950-1985.

Julio Cesar Braga

Especialista em História Cultural - UNICENTRO

Resumo: A criação de espaços para abrigar trabalhadores é um capítulo importante da industrialização brasileira. Várias são as designações que esses lugares têm recebido no Brasil desde o final do século XIX, dependendo de suas características quanto ao tamanho, forma, localização, condição político-administrativa, do tipo de atividades a qual estão ligados e do momento em que surgem, sendo que, vila operária é uma das mais comuns. Assim, a emergência da indústria trouxe consigo uma tentativa de reorganização do trabalho e principalmente do controle dos trabalhadores em certas circunstâncias de seu cotidiano do século XIX. Uma dessas formas e/ou tentativas de controle exercidas pelas fábricas foi à construção de vilas operárias em cidades ou em localidades rurais. Esse foi o caso da Madeireira Emilio B. Gomes & Filhos S/A que será investigada sobre um tipo de dominação específica: os trabalhadores morando em casas que pertenciam à empresa.

Palavras-chave: Irati (PR); Madeireira; Vila operária; Trabalhadores; Dominação.

INTRODUÇÃO

A cidade de Irati por muito tempo teve como sustentação econômica o ramo de extração florestal e o beneficiamento da madeira. Estas eram oriundas das matas iratienses, pois a região ao redor do município era rica neste tipo de matéria-prima, como cedro, imbuía e as araucárias, que eram “*esbeltas, graciosas e ao mesmo tempo possantes, as araucárias dão a impressão de*

*fantásticos guarda chuvas, que se abrem ao vento as alturas para abrigo de gigantes invisíveis”.*¹

A grande quantidade de madeira favoreceu a formação de grandes fábricas de beneficiamento, contribuindo para uma importante etapa do desenvolvimento econômico da cidade. A agricultura perdeu um pouco sua “força” pela indústria e seus modos de produção. O surgimento destas fábricas incentivou a vinda de um grande número de pessoas, gerando uma mudança no espaço territorial da cidade, reorganizando-a no âmbito social, econômico e cultural.

Dentro desta reorganização surgiu um novo sistema de morar: casas eram construídas aos arredores das madeireiras para abrigar os trabalhadores. Este sistema desperta interesse de se perceber, o real objetivo do proprietário industrial para com seus trabalhadores.

Para alcançar este processo, foi realizado um estudo sobre as relações entre patrão e trabalhadores numa das mais antigas fábricas do ramo madeireiro de Irati, a popularmente conhecida Serraria do Gomes, de propriedade de Emilio Baptista Gomes, e que possuía uma vila operária, conhecida como a Vila do Gomes.

O objetivo deste trabalho é entender quais eram e como se davam as relações entre o trabalho na fábrica e o morador da vila operária, relações estas que estão ligadas desde a sua vinda em busca do emprego e da moradia.

Para tal, foi utilizadas fotografias da época e algumas outras feitas recentemente. Também foram realizadas entrevistas com antigos

1 Audrey Lilian Souza Farah, Chico Guil e Silvio José Phillip, *Irati 100 anos*, (Curitiba: Editora Arte, 2008), 6.

trabalhadores da serraria e moradores da vila operária, com o intuito de buscar o entendimento de como era a relação entre patrão e trabalhador, e se haveria algum tipo de subordinação através do controle indireto (o fato do trabalhador morar na casa que pertencia à fábrica) que este sistema exercia.

O período delimitado para tal estudo é de 1950 a 1985. O ano de 1950 marca o início da construção da vila operária, que chegou a ter aproximadamente 60 casas. Já 1985 indica o início de sua decadência, pois “conforme os trabalhadores iriam se aposentado, ou faleciam, o proprietário dava a madeira da casa ao trabalhador para retirar do lugar e construir caso tivessem um outro terreno”.²

Antes de entrarmos nesta questão, faremos um breve histórico de Irati, para entendermos melhor o cenário do nosso estudo.

A denominação Irati ocorreu em 1829 ou 1830, quando dois moradores do antigo povoado Boa Vista (hoje Teixeira Soares), Pacífico de Souza Borges e Cipriano Francisco Ferraz, vieram conhecer o sertão, dando nomes às terras e aos rios. Batizaram o lugar onde hoje se encontra a Vila São João com o nome das abelhas encontradas por lá: Iraty³.

Foi no ano de 1899, que foram fixados em Covalzinho⁴ (atual centro da cidade) os trilhos da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, e em 01 de Janeiro de 1900 a estação ferroviária e o telégrafo, juntamente com alguns arranchementos.⁵

2 Lioncio de Paula Pires, Entrevista concedida a Julio Cesar Braga em 14 de junho de 2009.

3 José Maria Orreda, *Irati teu nome é História*, (Curitiba: O Debate, 2007), 11.

4 Nome da localidade que hoje é o centro de Irati, sendo que a localidade de Irati propriamente dita ficava no bairro da Vila São João.

5 José Carlos Veiga Lopes, “Subsídios para História de Irati” In: José Maria Orreda, *Irati teu nome é História*, (Curitiba: O Debate, 2007), 9.

A denominação Covalzinho começou a desaparecer dando espaço ao nome Irati, devido à facilidade de comércios, transportes e comunicações que a ferrovia trouxe. Inclusive a vinda de novos habitantes, entre eles o Cel. Emilio Baptista Gomes.

O desenvolvimento se intensificou em todos os setores. Foram destocados os caminhos, que tinham como eixo a antiga Rua Velha, atual 15 de Julho. Através de cargueiros, único meio de transporte existente na época, chegavam à estação da estrada de ferro os produtos agrícolas, erva mate, farinha de milho, toucinho, mel e charque. A ferrovia fez de Irati um grande entreposto comercial, onde moradores de toda a região vinham vender e embarcar seus produtos, tanto que, *“no retorno, os cargueiros levavam sal, tecidos, ferramentas e mercadorias necessárias a produção e sobrevivência no sertão. Os pinhais e ervais dominavam a paisagem e seriam a força e a motivação de dois ciclos da economia de Irati”*.⁶

Como a então criada Irati pertencia ainda ao município de Imbituva, em 1904 foram eleitos os Juízes Distritais e dois Camaristas, hoje chamados vereadores, para representar os distritos de Iraty, Imbituvinha e Bom Retiro na Câmara Municipal de Imbituva.

As viagens para o distrito de Imbituva por caminhos difíceis, picadas, banhados e taquarais para fazer pagamento de impostos, atos judiciais, regularização de papéis e casamentos, eram no lombo de animais. Sacrifício este que o povo não queria admitir. Nasce então o movimento pela autonomia dos Distritos Judiciários de Irati, Bom Retiro e Imbituvinha. Os camaristas eleitos, Francisco de Paula Pires e Emílio Baptista Gomes, renunciam a seus mandatos e iniciam apoiados pela comunidade nascente, os entendimentos

⁶ Orreda, *Irati teu nome é História* 10.

A vila operária da Madeireira Gomes: trabalho, moradia e dominação – Irati
(PR) – 1950-1985.

visando à criação do município.⁷

Fotografia 1 – Vista parcial de Irati - 1909.



Fonte: Orreda, op. cit., p. 10

SOBRE EMILIO BAPTISTA GOMES

Emilio Baptista Gomes, natural da cidade de Albacete na Espanha, nasceu no dia 06/03/1873 e fixou residência em Covalzinho em 1899, já com o título de Coronel da Guarda Nacional. Foi eleito camarista em 1904 e renunciou o mandato para lutar pela autonomia do Distrito Judiciário de Irati. Por indicações de lideranças políticas assumiu o executivo municipal em 15 de Julho de 1907 sendo o primeiro prefeito, função que exerceu por menos de um ano. Chefiou pessoalmente ao lado do então Cel. Manoel

⁷ Orreda, *Irati teu nome é História*, 10

Julio Cesar Braga

Grácia o trabalho de abertura de algumas ruas e colaborou no movimento de colonização da localidade de Gonçalves Junior.⁸ Escreveu as primeiras notas da história do município, participou de assuntos de interesses coletivos e foi nome de destaque na história econômica e política da cidade de Irati.⁹

Fotografia 2 – Cel. Emilio Baptista Gomes.



Fonte: Orreda, “História de Irati”, 14.

Além da atuação política exercida na cidade de Irati, Emilio B. Gomes foi colaborador atuante na principal atividade que movia o setor econômico na época, o beneficiamento da madeira. Proprietário de uma das maiores Indústrias madeireiras da região instalou em 1914 o serviço de luz elétrica com gerador próprio dentro de sua fábrica. Momento registrado conforme a fotografia 3 encontrada no acervo histórico da família Gomes nos arquivos do Museu Histórico da Casa da Cultura¹⁰.

A assinatura do contrato de concessão para iluminação da Vila, com Arcélio Baptista Teixeira, ocorreu em 22 de novembro de 1911, sendo o Prefeito Antonio Teixeira Sabóia. Em maio de 1913 a Câmara autorizou o Prefeito a chamar concorrentes para a iluminação da Vila. Em outubro,

8 Distrito Rural da cidade de Irati.

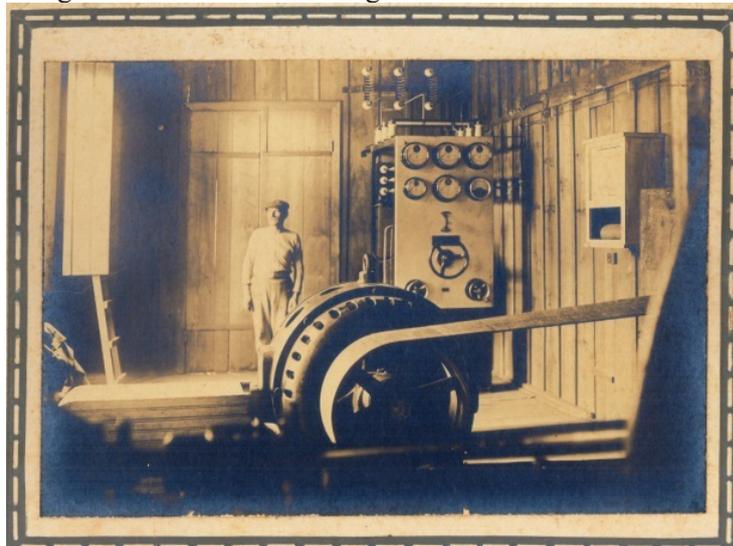
9 José Maria Orreda, *História de Irati*, (Irati: Editora Sul do Oeste, 1974).

10 Antiga residência de Emilio B. Gomes, cedida à prefeitura como Museu Histórico e sede da Secretaria Municipal da Cultura de Irati.

A vila operária da Madeireira Gomes: trabalho, moradia e dominação – Irati (PR) – 1950-1985.

três propostas haviam sido apresentadas: Bernaldo Sávio, Antonio Braga dos Santos Ribas e Manoel Gracia & Cia. Esta última foi vencedora com as melhores vantagens e mesmo porque as outras não estavam seladas. Entretanto, Manoel Gracia faleceu em 14 de abril de 1914. A instalação da iluminação pública e particular, das ruas e das casas, ocorreu no dia 8 de dezembro de 1918, às 19 horas, solenemente na sala da Câmara, serviço prestado pela empresa Emílio Baptista Gomes, constituída nesse ano.¹¹

Fotografia 3 – Gerador de energia da Fábrica do Gomes -1918.



Fonte: Arquivos do Museu Histórico - Casa da Cultura de Irati.

Em um álbum encontrado no acervo da Família Gomes no Museu Histórico da Casa da Cultura, pode-se observar como ele era visto pela cidade e pela região. Nele lemos que “o Coronel Emílio Gomes é, portanto, um dos maiores industriais madeireiros do Estado [...] sendo de fato um dos homens de maiores iniciativas para o progresso de Iraty”.¹²

11 Orreda, “História de Irati”, 10.

12 Álbum do Paraná, s/e.

A EMPRESA

Nas proximidades de onde é atualmente o Clube de Campo Samuára, ficava a Serraria Manoel Grácia & Cia, onde atualmente encontram-se pequenos vestígios da edificação, como uma roda mecânica usada no processo industrial da madeira. Na serraria eram sócios Manoel Grácia e Emilio B. Gomes. Com a morte do primeiro em 1914, Emilio B. Gomes assumiu a posse da serraria, mudando a denominação para Serraria Iraty.

Fotografia 4 - Serraria Iraty - sem data.



Fonte: Álbum do Paraná¹³, Acervo da Casa da Cultura de Irati.

Abaixo, na fotografia 5 observamos que a empresa se destacava no ramo madeireiro dentro do estado do Paraná, por causa da facilidade da extração de matéria-prima (madeira) principalmente das araucárias. Tendo

13 Este documento não está completo, apenas existem algumas folhas soltas arquivadas em pastas.

A vila operária da Madeireira Gomes: trabalho, moradia e dominação – Irati (PR) – 1950-1985.

esta árvore como característica, o total aproveitamento de seu cerne devido ao seu porte grandioso e avolumado diâmetro de seu tronco.

Em pouco tempo, a então Serraria Iraty passou a dominar o comércio do beneficiamento de madeira. Com tal crescimento e progresso no decorrer dos anos, a atividade começou a atrair pessoas de outras cidades e do interior do município, tornando a cidade de Irati um grande pólo madeireiro e comerciário.

Fotografia 5 – Fragmento sobre a Serraria Iraty – sem data.



Fonte: Álbum do Paraná, Acervo da Casa da Cultura de Irati.

As atividades comerciais progrediram, mantendo o ritmo de produção em constante nível de crescimento. Durante todos estes anos não houve sequer um motivo de paralisação do processo fabril seja por ordem social ou

natural. Mas na noite de 24 de março de 1979, por causas desconhecidas, a fábrica pegou fogo. Como a fábrica era construída de madeira, seus estoques estavam abarrotados da matéria-prima já beneficiada, e em seus arredores havia muita serragem, isto acabou inflamando ainda mais o fogo.

Quando me acordaram fui prá lá, já não conseguia passar por causa do calor e das labaredas, logo chegou os bombeiros de Irati, já estava queimando a ripa das telhas, tinha muita serragem e bagulho na fábrica. Vieram os bombeiros de Guarapuava, de Ponta Grossa e os de Curitiba, estes últimos, chegaram de madrugada, mas daí nem tinha nada a ser feito porque o fogo tinha acabado com tudo. Neste dia, tirei o serviço de guardião para o povo não entrar na frente do escritório e na fábrica. Lembro de um pedido de forro que iria para o Rio de Janeiro que plainei bem certinho e nesse dia vi cair à carga inteira no fogo, vi aquela pilha de madeira levantando as labaredas que chegavam à altura de quase 30 metros, mais ou menos da altura da chaminé. Iluminou tudo o mato. O Seu Edgar estava junto conosco, e mandava o trator empurrar umas pilha de madeira que já tinham começado a pegar fogo pra terminar de queimar tudo mesmo.¹⁴

Logo após o incêndio, Emilio B. Gomes levantou os novos barracões de alvenaria em novo endereço na Rua Coronel Pires no centro de Irati e a partir de então, a fábrica passou por várias mudanças de nome.

Em 01 de julho de 1917, mudou seu nome para Emilio B. Gomes & Filho e em 11 de março de 1933 para Emilio B. Gomes & Filhos, conforme contrato arquivado na Junta Comercial do Paraná sob nº. 7203. Em 15 de outubro de 1942 novamente alterou sua denominação social para Emilio B. Gomes & Filhos Ltda, conforme contrato social registrado na Junta Comercial

14 Mario Keszán, entrevista concedida a Julio Cesar Braga em 26 de junho de 2009.

A vila operária da Madeireira Gomes: trabalho, moradia e dominação – Irati
(PR) – 1950-1985.

do Paraná sob nº. 10739, devido à entrada de novos sócios. Em 26 de abril de 1945 foi alterada a denominação social para Emilio B. Gomes & Filhos & Cia Ltda, conforme contrato social registrado na Junta Comercial do Paraná sob nº. 12795, com o mesmo ramo de atividade.

Em 12 de Junho de 1945 foi transformada a referida sociedade por quotas de responsabilidade limitada em uma sociedade anônima, que recebeu a denominação social de Emilio B. Gomes & Filhos S/A – Indústria, Comércio e Exportação de Madeiras, com o ramo de comércio, indústria da madeira em geral, exportação, representações, comissões em conta própria, com sede em Irati, tendo sido registrada na Junta Comercial do Paraná sob nº. 10504.

Em 24 de março de 1955 foi novamente alterada sua denominação social para Emilio B. Gomes & Filhos S/A. Indústria, Comércio e Exportação de Madeiras, Agricultura e Importação, incluindo o ramo de agricultura, conforme arquivamento na Junta Comercial em 06.04.55, sob nº. 16933.

Em 01 de julho de 1981 foi efetuada uma cisão na empresa, quando foi desmembrada a parte industrial, tendo sido constituída nova empresa com a denominação social atual de Emilio B. Gomes & Filhos S/A. Indústria, Comércio e Exportação de Madeiras, conforme ata arquivada na Junta Comercial sob nº. 41300003254 e em 1988 incluiu em suas atividades o ramo de laminação com produção de compensados. Neste período houve a contratação de várias mulheres para assumir alguns setores da produção da fábrica. No ano de 2005 a empresa fechou.¹⁵

Já no ano de 2001 a empresa entrou em estado de alerta, pois cada ano que passava ficava mais difícil de manter a estrutura e os trabalhadores.

15 Waldemar Loureço de Souza, contator da Empresa Emilio B. Gomes. entrevista concedida a Julio Cesar Braga em 17 de Junho de 2009.

A empresa desde 2001 vinha tentando manter um ponto de estabilização financeira, buscando alternativas de se conseguir matéria prima através de longas viagens para cidades vizinhas. Conseguiu-se um equilíbrio, a empresa não lucrava, mas também não devia. Em 2005 esta opção já não era mais viável, a distância entre a fábrica e as áreas de extração florestal começou a ser cada vez maiores, obrigando a paralisação das unidades de Irati e da fazenda Água Quente no Guamirim. Fechando assim, definitivamente seu processo industrial.¹⁶

A VILA OPERÁRIA DO GOMES

Com o falecimento de Emilio B. Gomes, seu filho mais velho, Edgard Andrade Gomes, assumiu a administração da empresa, ano que teve início a construção da vila operária, como conta um entrevistado: “*A partir de 1950 foram construídas as casas que compunham a vila operária iniciada por Edgar Andrade Gomes, que acabou cedendo um bom espaço da propriedade para esta construção*”.¹⁷

Em conversa informal com o pessoal do escritório de contabilidade da Emilio B. Gomes, veio à tona a notícia que os documentos históricos, onde compunham a história da fábrica e da vila operária, teriam sido queimados pelos próprios funcionários da contabilidade pela mera justificativa de que estariam ocupando muito espaço, e que precisariam ser eliminados de alguma forma ou outra.

Perante tal fato, temos então, uma lacuna histórica de fontes escritas no que diz respeito à construção da Vila do Gomes, Tendo unicamente de

16 Carlos Branco, entrevista concedida a Julio Cesar Braga em 7 de maio de 2009.

17 Pires, entrevista citada.

A vila operária da Madeireira Gomes: trabalho, moradia e dominação – Irati (PR) – 1950-1985.

nos basear em relatos de alguns poucos trabalhadores que vivenciaram esta importante etapa histórica de Irati.

Estas localidades destinadas à moradia dos trabalhadores é um respeitável capítulo a ser lembrado da história do município, podendo ser estudado com mais profundidade em um amplo trabalho de pesquisa, haja vista que “*dentro da urbanização brasileira, a criação desses espaços para acolher trabalhadores é um capítulo muito importante, pois trouxeram a necessidade de reorganização do seu espaço*”.¹⁸

Segundo Lioncio de Paula Pires, trabalhador aposentado e ex-morador da vila operária, foi Edgard A. Gomes quem iniciou a construção das casas em 1950. Elas foram construídas junto às propriedades que a empresa tinha aos arredores da fábrica, onde mais de 60 casas eram entregues para seus trabalhadores enquanto estes faziam parte do quadro funcional da empresa.

Também contemporâneo a esta criação, a fábrica mantinha no interior do município, na localidade da Água Quente, distrito de Guamirim, região que fica a 25 km do centro, uma fazenda de reflorestamento e uma serraria onde eram beneficiadas madeiras para a matriz de Irati. Neste mesmo empreendimento também existia algumas casas que também formavam uma pequena vila operária, não cabendo para esta pesquisa se aprofundar neste assunto pertencente à vila operária rural do Gomes na região de Água Quente.

Na vila operária da unidade de Irati as casas eram construídas com madeira de Pinus ou Pinheiro em sua totalidade. Elas mediam em torno de 9m x 6m², mais uma sacada na frente e nos fundos totalizando em média

18 Telma de Barros Correia, “De vila operária a cidade-compahia: as aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular”, *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, Campinas, n.º. 4, 2001, 83.

de 50 a 55m². As que possuíam o sótão tinham a mesma metragem na base, acrescentando em torno de 10 a 15m² na superior, que geralmente não era utilizada como moradia, mas sim como dispensa para guardar seus pertences.

Fotografia 6 – Modelos das casas construídas a partir de 1950.



Fonte: Acervo do autor.

A vila do Gomes não era loteada pela prefeitura, então não tinha ruas pré-definidas. Por se tratar de um terreno privado e pertencente à fábrica, a informação que se tem é que as casas eram construídas aleatoriamente, ora um conjunto de casas próximas uma das outras, ora uma casa aqui outra lá, e novamente surgiam os pequenos conjuntos dentro do mesmo bairro.

Não só a fábrica do Gomes utilizava essa forma de moradia, assim como outras quatro fábricas do mesmo gênero, entre elas cabe ressaltar a fábrica Dallegrave & Moreira que se encontra em atividade até os dias de

A vila operária da Madeireira Gomes: trabalho, moradia e dominação – Irati
(PR) – 1950-1985.

hoje; a Menemar que se localizava onde atualmente se encontra a rodoviária; a Madeireira Bernardo Rebesco também em plena atividade nos dias atuais; e a Lamil, que segundo relatos foi a primeira indústria a laminar madeira de pinus no Brasil.

Fotografia 7 - Vista parcial da fábrica e da vila operária – 1962.



Fonte: Escritório de Contabilidade Soma, Irati.

Na fotografia acima, ao centro pode-se observar a fábrica Emilio B. Gomes & Filhos S/A – Indústria Comércio e Exportação de Madeiras, com grande espaço para secagem de sua produção. No canto superior direito, uma fila de casa com o mesmo estilo arquitetônico, no canto superior esquerdo, a Igreja Nossa Senhora da Luz e a antiga faculdade FECLI¹⁹, ambos os terrenos

19 Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Irati, posteriormente Unicentro.

doados por Emilio B. Gomes. Já no canto inferior esquerdo pode-se ver as casas pertencentes à família Gomes.

FÁBRICA COM VILA OPERÁRIA: A IMOBILIZAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA

Os estilos das casas não alteram o objetivo da sua existência, que é a imobilização da força de trabalho. Esta apresenta benefícios para os proprietários, devido à visibilidade sobre os trabalhadores, pois *“o controle, a vigilância e a observação, mesmo indiretos, são constantes nesse tipo de vila. Isso representa para o gerente a continuidade dos operários e sua pontualidade. Ter o operário próximo garante a manutenção e prosseguimento do processo fabril”*.²⁰

Oferecer moradia aos operários tinha o papel de atração da força de trabalho do qual a indústria necessitava. A continuidade das famílias na vila operária, através do emprego da parentela, garantia a constituição e a permanência de uma força de trabalho fabril, permanentemente renovada através do crescimento da prole, além de evitar possíveis conflitos através da boa relação entre gerentes e trabalhadores.

Houve sempre uma forte interferência da fábrica na vida de seus operários, uma vez que *“com tal monopólio – que consiste no fato de que para morar, o operário é obrigado a trabalhar, e para trabalhar em determinadas empresas ele é obrigado a morar na vila operária da fábrica”*.²¹

As vilas atraíam pessoas de diversas cidades e localidades próximas

20 José Sergio Leite Lopes, *A Tecelagem dos Conflitos de Classe na “Cidade das Chaminés”*, (São Paulo: Marco Zero/Brasília: Editora da UnB, 1988), 21.

21 José Sérgio Leite Lopes, *A Reprodução da Subordinação. Mudança Social no Nordeste “estudos sobre trabalhadores urbanos”*, (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979), 56.

A vila operária da Madeireira Gomes: trabalho, moradia e dominação – Irati (PR) – 1950-1985.

a Irati, com intuito de trabalhar nas indústrias madeireiras. Muitos vinham seduzidos pelo fato de que poderiam “morar de graça” nas fábricas que possuíam vilas e cuidar de sua família, haja visto que existia uma sensação de segurança. Esta situação contribuía, assim, para um controle específico, perfazendo um conjunto de vários modos de controle da vida do trabalhador através das vilas operárias.

Nas primeiras décadas do século XX, as vilas operárias surgiam como modelo privilegiado de reforma da habitação do pobre urbano, a qual era apontada como um dos problemas centrais da cidade. Elas definiam-se como um padrão de moradia popular oposto à favela, ao mocambo e ao cortiço, supondo ordem, higiene e decência. O termo sugeria casas salubres e dotadas de ordem espacial interna, que se distinguia da falta de higiene, de espaço e de conforto atribuída às casas dos pobres urbanos. Também sugeria casas de famílias de trabalhadores estáveis, em oposição às misturas entre estes últimos e os indivíduos afastados dos empregos regulares (autônomos, vadios, prostitutas etc.), favorecidas pelas formas de moradia e relações de vizinhança nas habitações coletivas e em moradias precárias²².

Nas referências internacionais, esse sistema de moradia teve diversas designações como *company town*, *industrial village*, *cité ouvriere* e *cottage system*. No Brasil esses lugares têm sido nomeados de diversas formas, como “*a já citada vila operária, bairro proletário, núcleo residencial e núcleo fabril são algumas dessas designações. Suas denominações variam de acordo com tamanho, com o tipo de atividades a qual estão ligadas e do momento histórico em que surgem*”.²³

22 Correia,84.

23 Correia.83.

Como vimos, para constituição de seu corpo de trabalhadores, a Emilio B. Gomes & Filhos S/A – Indústria Comércio e Exportação de Madeiras, contava com pessoas do centro da cidade e de algumas do interior.

Estava trabalhando na companhia CBSA – Companhia Brasileira de Sinalização – estrada ferro. Trabalhei aqui na estrada de ferro de Irati. Eu e meu sogro viemos buscar serviço no Gomes. Em 1966 comecei a trabalhar no Gomes na função de carregamento no pátio, isso foi em dois anos e logo em seguida passei a trabalhar dentro do barracão da antiga fábrica, exercendo como operador da máquina destopadeira. Pra conseguir a casa houve muita batalha, eu era casado de novo²⁴ e morava com meu sogro, daí fui lutando com o Seu Oscar Bibas, concunhado do seu Edgard, pra eu pegar a casa do seu João Souza que logo iria se mudar. Quando me avisaram que era pra eu ir pegar a chave, fiquei sabendo que tinha 18 pessoas na minha frente. Logo então, começou a falação, mas eles quiseram dar a casa pra mim primeiro.²⁵

Contudo, conseguir morar na vila não era tão fácil. Mário relata a batalha que foi para conseguir ir morar na casa, pois para conseguir a chave era uma tarefa difícil, sempre tinha trabalhadores querendo se livrar do aluguel ou trocar de casa. Também cabe ressaltar que tinha disputa interna entre os próprios trabalhadores para conseguir o direito pela posse da casa, seja qual fosse.²⁶

O sistema de entrega das casas nunca era realizado nos primeiros meses de trabalho. Esse assunto era tratado após o vencimento do contrato de experiência em carteira, que na época era de três meses. Mas tal prazo

24 “Casado de novo” é um termo utilizado para indicar que a pessoa é recém-casada.

25 Keszán, entrevista citada.

26 Keszán, entrevista citada.

não simbolizava a garantia para o trabalhador, pois “*a abonação estava condicionada ao fato de ser um bom trabalhador. Se fosse, ele ficava na empresa e entrava na fila para ver se conseguia a casa, caso não fosse, era mandado embora*”.²⁷

Os filhos dos operários do Gomes tinham muita facilidade de ingressar na empresa como aprendizes, com a maioria eram admitidos. Por isso, eles não precisavam procurar emprego em outras fábricas, a empresa já oferecia a garantia do emprego, pois “*a fábrica espera que as gerações seguintes dos trabalhadores venham procurar trabalho na fábrica no início de sua vida ativa*”.²⁸

No tempo que eu trabalhava como motorista na fábrica do Gomes me lembro de uma história interessante que aconteceu com o meu filho mais velho. Nos fins de semana sempre levava o caminhão e o trator para lavar na minha casa. E num desses dias o meu filho Wilson veio guiando o trator para dentro da fábrica, nisso o seu Edgard estava no portão, que não gostando de ver a cena mandou o menino descer, pois não admitia seus veículos na mão de outras pessoas a não ser na de seus motoristas. Agora imagina na mão de uma criança. Passou um tempo e a mesma cena se repetiu, só que desta vez, seu Edgard vendo que o menino guiava muito bem o trator, fez sinalização para ele não descer e continuar tocando o trator para seu estacionamento. Devido a estas ousadias de meu filho, aos poucos foi tornando meu aprendiz até mesmo sem eu saber. Meu filho realmente me surpreendia na direção do trator, fazendo com que o próprio seu Edgard se admirasse.²⁹

Na fotografia abaixo se pode observar o motorista Lioncio de Paula

27 Pires, entrevista citada.

28 Lopes.42

29 Pires, entrevista citada.

Pires com seus dois filhos no caminhão da fábrica. Estas crianças cresceram com o ideal do pai, de um dia se tornarem caminhoneiros do Gomes. Ambos se tornaram caminhoneiros transportando madeiras e compensados, com destino aos Portos para mercado externo e diversas localidades do Brasil suprindo uma demanda do mercado interno.

Fotografia 8 – Caminhão Ford “Perkin” - 1963.



Fonte: Acervo pessoal de Lioncio de Paula Pires.

No que se refere à educação dos filhos, (principalmente os homens) já se tinha “inconscientemente” que, quando atingissem a idade correta para exercer um trabalho estes iriam aprender o serviço que o pai exercia dentro da fábrica. Para a empresa essa situação era de grande comodidade, pois, já tinham através de seu sistema de dominação criado dentro do seio da família, a obediência e a submissão perante o patrão.

Em sua fase de expansão na década de 1910, em consequência de sua aquisição pela família Lundgren, e em seguida à instalação de uma grande

A vila operária da Madeireira Gomes: trabalho, moradia e dominação – Irati (PR) – 1950-1985.

seção de estamperia e da constituição progressiva de uma rede de lojas no interior, a CTP [Companhia de Tecidos Paulista] viu-se continuamente confrontada com o problema da falta de mão-de-obra. Foi então que começou a construir uma vila operária para onde podia atrair e dar acolhida a operários qualificados do Recife bem como aos trabalhadores provenientes do interior.³⁰

As vilas operárias e núcleos fabris continuaram a ser criados no Brasil por empresas privadas e estatais aproximadamente até a década de 1980. A emergência dos núcleos fabris coincidiu com um momento em que a indústria necessitava retirar mão-de-obra de outras atividades, captarem fluxos de pessoas e incorporá-los ao seu regime de trabalho, buscando transformá-los em operários adaptados a seus métodos e submetidos à autoridade do industrial.³¹

CONTROLANDO OS TRABALHADORES ATRAVÉS DA MORADIA

A vila operária se caracteriza pela estabilidade da força do trabalho através do monopólio da moradia pela indústria, onde o trabalhador e seus familiares têm uma oferta de moradia em troca de seu trabalho para garantir a sua sobrevivência.

É, por certo, uma característica mais geral das fábricas têxteis em determinados períodos do desenvolvimento industrial, quer no Brasil, na Europa ou nos Estados Unidos, para mencionar alguns exemplos, a

30 Rosilene Alvim, *A sedução da cidade: os operários-camponeses e a fábrica dos Lundgren*, (Rio de Janeiro: Graphia, 1997), 14.

31 Márcia T. da Silva Oliveira e Ancelmo Schörner, “Fábrica com vila operária: a dominação específica – o caso da empresa industrial Garcia, de Blumenau/SC (1947-1974)”, *Blumenau em Cadernos*, Blumenau, n.º. 7/8, ago/2007.

preferência por uma força de trabalho organizado pela família. A existência de vilas operárias com casas construídas para abrigarem famílias faz parte deste modelo de industrialização que, ao se responsabilizar pela moradia de seus trabalhadores, desenvolve uma política em que a família operária se torna importante referencial para disciplinar uma força de trabalho formada e apta culturalmente para o trabalho industrial.³²

A maioria das casas ficava próxima a sede da empresa, permitindo que se ouvisse o apito tocar e despertar os trabalhadores³³, pois *“este controle é mais efetivo quando a vila operária fica perto da fábrica, haja vista que o tocar da sirene objetiva controlar a tudo e a todos”*.³⁴

Uma das mais importantes máquinas de qualquer Madeireira era a Locomotiva ou caldeira. Através dela é que todos os maquinários eram movidos pela força do vapor da água, e também, era através dela que os apitos aconteciam. Mas à noite, quando ninguém mais trabalhava na produção, não se ouvia o apitar da caldeira, mas, como um eco rompendo o silêncio da noite através das mãos dos vigias, se ouvia alguns sinais que simbolizavam um determinado controle da vida do trabalhador.

Durante a noite quem trabalhava era o vigia, geralmente iniciava seu expediente às 6 horas da tarde e só terminava quando o calderista chegava perto das 6 horas da manhã. Num dos barracões de madeira tinha um pedaço de trilho de trem, o mesmo usado nos vagonetes, ficava pendurado num dos cantos. O vigia encarregado da noite, ele tinha que passar em todas as suas voltas por aquele local e quando fechava uma hora de ronda teria que bater

32 Alvim 16-17.

33 O apito além do objetivo de ser notado pelos trabalhadores servia como manipulador de suas vidas, criando regras simples de controle de horários tanto para os operários como para as esposas que ficam nas casas.

34 Lopes, 39.

com outro ferro neste pedaço de trilho de acordo com as horas, se fosse sete horas, tinha que ir lá e dar sete pancadas naquele pedaço de ferro, para avisar e “dizer” que o ele tava acordado, as sete e meia era uma pancada, às oito horas, oito pancadas e assim sucessivamente. Até eu tirava serviço de vigia [...] Na fábrica tinha vigia direto, ficava um mês inteiro posando na fábrica só os sábado que trocavam de vez em quando. O vigia permanente era obrigado a bater o ferro. Pois o seu Edgard morava perto da fábrica e tinha o costume de escutar os sinais. O gerente geral Oscar Biba, também morava perto e sempre tava de olho nas batidas do vigia.³⁵

Podemos observar neste relato, que Lioncio, mesmo não sendo responsável pela guarda noturna da fábrica, lembra com perfeição das batidas no ferro. Esta é uma das variadas formas de dominação que uma fábrica com vila operária cria dentro da vida cotidiana do trabalhador. O fato de morarem perto da fábrica, propicia mesmo que indiretamente que quando ouvissem o soar do ferro, lembrassem que a fábrica estava ali, mesmo à noite onde a produção industrial não acontece, mas de alguma forma estão controlando principalmente as horas daqueles que vivem na vila e daqueles que ali trabalham. Este controle noturno era a forma mais eficiente que o proprietário encontrou para ficar supervisionando e controlando juntamente com seus vigias a sua fábrica e sua vila.

As grandes decisões familiares sobre alguma mudança de vida era influenciado pelo fato de morar na casa da fábrica. Quando se falava em mudar de emprego, ir embora, ou fazer alguma reivindicação, a família pensava muito a respeito dos riscos que estariam correndo. O fato de trabalhar na fábrica e morar na casa, sem pagar nenhuma taxa ou aluguel era o grande

35 Pires, entrevista citada.

motivador que os transportavam para a comodidade das regras da fábrica. Alguns até tinham oportunidades, mas sempre se deparavam com o medo de perder sua morada.

Foi assim, o Luis Cavali que é primo da minha esposa Dete, uma vez quis comprar um caminhão e propôs uma sociedade comigo, ele daria a entrada e eu terminava de pagar. Conte pra minha esposa, e ela disse que se eu topasse isso, nós não iríamos mais ter a casa, e começaríamos a pagar aluguel... Paramos pra pensar, e achamos que não seria o melhor pra nossa família. No outro dia, fui trocar uma idéia com o Zizo Mosele que era um dos nossos chefes e ele me tirou da cabeça, me alertou que o Luis não precisava do caminhão e de uma hora pra outra ele iria vender, e daí como que eu iria ficar, sem caminhão, sem casa e sem emprego.³⁶

A pequena distância entre as casas e a fábrica, serve como argumento para a administração exigir de modo camuflado horas extras dos trabalhadores, ou seja, ao passo que estando perto do trabalho não tinham como dar desculpas por estar aos olhos da administração, ou então, se negarem de não servir no momento requisitado, justamente porque tinham em seu inconsciente o fato de “morar de graça” na casa cedida pela fábrica.

A jornada de trabalho iniciava as 6:30, com intervalo para almoço ao meio dia. O retorno era as 13:00 horas e encerrava o expediente as 18:00. Nota-se que o período de trabalho era de 10 horas e meia. Em comparação com a carga horária utilizada nos dias de hoje, estes teriam por direito, duas horas e trinta minutos a mais em seu salário. Sem contar que, ao chegar em casa após a jornada de trabalho, despendiam de mais algumas horas para pequenos

36 Pires, entrevista citada.

A vila operária da Madeireira Gomes: trabalho, moradia e dominação – Irati (PR) – 1950-1985.

reparos e plantações de hortas, e também atender chamados extraordinário fora do horário.

Lembro que várias vezes não conseguiam vencer o serviço durante o dia e como era eu quem cuidava da etiquetagem dos pallitys³⁷ tinha que ficar todos os dias até umas nove horas da noite fazendo este trabalho. Era um trabalho de responsabilidade, pois, caso fosse um pallity com marcação dupla para o porto este ficava extraviado, sendo impossível o retorno do mesmo.³⁸

A prontidão com que o trabalhador residente na vila operária respondia aos chamados é uma afirmação de um sistema de dominação específico, haja vista que “... a proximidade da vila operária do trabalho é um elemento importante do estado de prontidão permanente para o tarefas, a que se tornam submetidos os operários, principalmente no que diz respeito às profissões de manutenção da maquinaria e instalações fabris”.³⁹

Contudo, a fábrica como proprietária das casas onde moram “seus” operários é também a promotora da vida social extra-fábrica da localidade, exigindo certo comportamento como parte das regras do jogo, unilaterais, diga-se de passagem. Em outras palavras, a fábrica procura garantir a reprodução e eternização das relações sociais entre capitalistas e operários, “*extravassando a esfera da produção e penetrando na esfera doméstica, domicializando a fábrica e industrializando o domicílio.*”⁴⁰

37 Pallitys são os fardos de compensado que são mandados para os portos, destinados a exportação.

38 Keszán, entrevista citada.

39 José Sergio Leite Lopes, *A Tecelagem dos Conflitos de Classe na “Cidade das Chaminés”*, (São Paulo: Marco Zero; Brasília: Editora da UnB, 1988), 58.

40 Ancelmo Schörner, *O arco-íris encoberto - Jaraguá do Sul, o trabalho e a história: operários, colonos-operários e faccionistas*, (Joinville: Oficina Comunicações, 2000), 107.

Para morar na vila do Gomes, era exigido do trabalhador normas e condutas de acordo com as regras que a empresa ditava. Deveria o trabalhador ter família constituída, ser bom cumpridor de suas tarefas, estar sempre disposto a servir a fábrica a hora que fosse e ter boa relação pessoal com os gerentes, ou seja, ser sempre submisso ao seu superior imediato. Esse procedimento fazia com que o trabalhador tivesse comportamentos consoantes aos da fábrica.⁴¹ A própria pessoa do patrão discretamente identificava atitudes inconscientes de dominação que exercia sobre os “seus” quando ia visitar as casas. Essas visitas eram feitas de forma que o proprietário da fábrica simbolizava a pessoa de pai para todos os trabalhadores que ali moravam. Lembra seu Lioncio, o dia que ele fez uma reclamação do fogão de lenha da casa, pois o chaminé não puxava direito a fumaça. Seu Edgard sabendo de tal situação falou que iria ensinar ele a fazer o fogo direito e pediu para sua esposa fazer um café bem forte, que bem cedo ele estaria lá pra fazer o fogo e tomar café juntos.

Além destas, Edgard regularmente ia tomar chimarrão com os trabalhadores antes de iniciar o turno de trabalho, por volta das 6 horas da manhã, *“ele sempre tava no portão tomando chimarrão, calçando seu chinelão de couro, calça social preta, camisa, suspensório e chapel preto”*.⁴²

Para os trabalhadores, a atitude de Edgard Gomes de ir tomar chimarrão todas as manhãs era visto como ato de companheirismo e amizade. Contudo, aqui pode-se observar mais uma forma de dominação e de fiscalização que o patrão exercia perante seus trabalhadores. O ato de ir tomar chimarrão não era simplesmente ficar no portão, mas sim uma forma de fiscalização de horários, onde o mesmo verificava quais pessoas estariam chegando atrasado

41 Keszán e Pires, entrevistas citadas.

42 Keszán, entrevista citada.

para o trabalho ou que não compareciam.

Outra atitude de Edgar Gomes bem vista pelos trabalhadores, eram as ajudas em épocas de doenças, seja dos próprios, seja de seus familiares.

Seu Edgard era um homem bom, nunca ele mandava, toda vida ele vinha e pedia as coisas para nós, era como se fosse um pai para nós todos. Quando alguém ficava doente ele dava assistência, davam dinheiro pra levar as crianças no médico, e para comprar remédios.⁴³

Antes não existia posto de saúde, e passei bastante dificuldade uma vez, quando nasceu minha filha Adriana, ela não tinha nem um ano ainda e deu um problema de meningite, levei no falecido Dr Zanetti, me deu uma receita mas falou que era muito sério e que não dava muita garantia. No outro dia era um sábado, chovendo bastante precisei de uma ajuda da firma. Cheguei no escritório tavam todos reunidos lá e expliquei a minha situação, mas ficaram fazendo muita pergunta e não davam a resposta que eu queria. Me exaltei um pouco e disse umas besteiras pra eles, acabei saindo daquela sala, pra procurar um taxi pra levar ela num “*bocoeiro*”⁴⁴ conhecido como O Gaucho de Rio Azul que era muito afamado por curar mal de meningite. Tava saindo, tinha feito já a curvinha da esquina quando vi o Seu Lioncio encostar a Rural do seu Edgar que tava limpinha. Ele veio e me falou, olha o pessoal lá mandaram eu levar você pra onde quiser, o tanque tá cheio, quer ir pra Rio Azul nós vamos, quer ir pra Ponta Grossa ou Curitiba nós vamos também, a ordem era levar você onde precisasse for[...] Mas pra que isso acontecer tive que marotiar com eles.⁴⁵

Nestes depoimentos percebe-se que a empresa ajudava o empregado nas ocasiões de doença, mas que sempre fazia um jogo duro, forçando o

43 Pires, entrevista citada.

44 Termo utilizado para denominar a pessoa do Curandeiro da região.

45 Keszán, entrevista citada.

trabalhador a explicar minuciosamente o que estava se passando, ou seja, o trabalhador tinha que implorar por favores a seus superiores imediatos. Mas a condição paternalista que Edgard Gomes exercia na fábrica, fez com que fornecesse o seu próprio carro pra que o trabalhador encaminhasse sua filha ao médico. Muitos desses favores que Edgard Gomes fazia não eram cobrados na folha de pagamento dos trabalhadores, dando maior credibilidade à sua dominação e fazendo com que eles sempre estivessem devendo “favores” ao mesmo.

Uma forma de dominação pode ser avaliada pela interiorização do próprio grupo dominado. Para a caracterização dessa situação-limite que o “sistema paulista⁴⁶” dentre as variações possíveis contidas na forma de dominação fábrica com vila operária, parece de particular importância – mais do que as intenções patronais na maneira de gerir a sua força de trabalho, mais do que a sua estratégia pré-concebida ou suas práticas de dominação como os trabalhadores interiorizaram e incorporaram essa dominação.⁴⁷

Assim, o “sistema”, seja o paulista ou o do Gomes de dominação, manifesta-se não somente através de formas políticas, “*sejam as persuasivas da formação e controle da força de trabalho, sejam as diretamente coercitivas... mas também através das próprias garantias materiais de existência, todos incrustados nas diversas esferas da vida dos trabalhadores*”.⁴⁸

46 Sistema Paulista é uma denominação usada pelo autor Jose Sergio Leite Lopes para designar a forma de dominação fábrica com vila operária, e por outro lado aponta para as relações que se estabelece no caso da fábrica e da vila operária, envolvendo sobre um mesmo controle centralizado a produção fabril e o domínio da moradia.

47 José Sérgio Leite Lopes, *A Reprodução da Subordinação. Mudança Social no Nordeste “estudos sobre trabalhadores urbanos*, (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979), 21.

48 Lopes, “A Reprodução da Subordinação. Mudança Social no Nordeste “estudos sobre trabalhadores urbanos”, 36.

A vila operária da Madeireira Gomes: trabalho, moradia e dominação – Irati
(PR) – 1950-1985.

As peculiaridades e especificidades do “sistema paulista” têm por característica geral o controle direto da força de trabalho não somente na produção, mas também em outras esferas da vida dos trabalhadores fora da fábrica, através do recurso estratégico da moradia, ou seja, ele é uma forma de dominação que se singulariza pela abrangência de sua ação sobre as condições materiais de existência de seus trabalhadores. Esta análise do texto de José Sérgio Leite Lopes nos remete para situações similares encontradas na vila operária do Gomes.

Não era cobrada nenhuma taxa ou aluguel dos operários. A única taxa simbólica que tinha era referente a poucas casas que usufruíram da vantagem de terem luz elétrica. Não existia distinção entre os trabalhadores da fábrica. Neste tocante, geralmente o pessoal do escritório, chefes e engenheiros não moravam na vila, eles tinham casa própria, pois ganhavam bem mais que o restante dos trabalhadores da serraria.

A vila operária estava localizada em um terreno com irregularidades geográficas. Na parte baixa foram construídas algumas casas que eram permeadas por banhados e ao fundo pelo Arroio dos Perreiras. Na época das chuvas esta região ficava totalmente alagada.

Fotografia 9 – Alagado perto das casas - 1962



Fonte: Escritório de Contabilidade Soma

A minha casa era retirada dos banhados, por isso que deu todas aquelas briga com os outros camaradas, mas em época de chuva alagava todas as outras casas, eles ficavam sitiados. Na casa do meu sogro que tava se mudando, nós amaramos os fardo das táboas com uma corda num tronco de árvore, a água chegava a levantar essas pilhas de madeira, alagou também a fábrica de compesados e o escritório. A casa do seu Ivo Andrevski, coitado, a gente via a enchurrada levar as cadeiras dele pela janela.⁴⁹

Assim, observamos que na Vila do Gomes não existiam as mínimas condições sanitárias para seus moradores/trabalhadores. Na ausência de água encanada, a mesma era coletada de uma bica ou olho de água. As casas, tanto as que estavam no local mais alto do bairro e as localizadas nas abaixadas onde era o banhado, não tinham rede de esgoto, o sistema era através de “privadas” um pouco retiradas das casas mas alocadas dentro do pátio. Agora

49 Keszán, entrevista citada.

A vila operária da Madeireira Gomes: trabalho, moradia e dominação – Irati
(PR) – 1950-1985.

cabe a analisar. Se a água era da bica, e ficava no meio do bairro, tudo leva a dizer que a água não era 100% potável. Para piorar a situação, ainda passava um sangradouro por dentro da vila onde as crianças inocentemete brincavam.

Fotografia 10 – Filho de um morador da Vila do Gomes.



Fonte: Acervo pessoal Lioncio de Paula Pires.

A maioria dos operários que moravam na vila operária plantavam pequenas hortas, geralmente muita couve e alface. Na plantação da couve, eles ofereciam o quintal ao Monge João Maria, pois a lenda dizia que O Monge gostava de couve e abençoava os quintais que tinham essa verdura fazendo-a crescer vigorosamente. A criação de galinhas era vista em quase todas as casas, pois servia de complementação as refeições, a famosa misturinha. No entanto, a criação de porcos não existia devido o mal cheiro e a higiene, isto comprometia a qualidade do ar devido as casas serem tão próximas.

Para disfarçar a situação insalubre, o bairro contava com um campo

de futebol e uma cancha de bocha, onde o time da empresa treinava para os campeonatos locais e inclusive em vários foram campeões. Edgard Gomes, não costumava participar como atleta, mas apoiava o time no campeonato dos trabalhadores realizado todo ano no dia 1º de Maio, como forma de confraternização entre as indústrias de Irati. Nas edições deste campeonato estava ele pessoalmente no estádio, que por sinal tinha a denominação do nome do seu pai: Estádio Emilio B. Gomes. Além do campo, *“foi construída uma cancha de bocha perto do campo de futebol, que reunia nos fins de semana grande número de trabalhadores. Seu Edgard é quem comprava as bolas para o pessoal jogar bocha”*.⁵⁰

Como podemos notar, existia uma relação paternalista entre Edgard Gomes e os trabalhadores, pois a empresa era tratada como um “grande família”.

O paternalismo (que tende a dissimular o excesso de autoridade sob a forma de proteção), apesar de novas formas de gestão da mão-de-obra, continua a ser um dos sistemas mais importantes de relações sociais de trabalho e supõe pelo menos três elementos: a presença física do patrão no local de trabalho, a linguagem e prática de tipo familiar entre patrão e empregado e a adesão dos trabalhadores a esse modo de organização. Nesse sistema, “o patrão é visto como pai que proporciona emprego aos seus filhos, protege-os, associa-os à sua família. Não existe mais o “ele” da diferença da hostilidade, mas sim o “nós” da adesão e da colaboração.”⁵¹

50 Keszan, entrevista citada.

51 Schörner, “O arco-íris encoberto - Jaraguá do Sul, o trabalho e a história: operários, colonos-operários e faccionistas” 188.

A vila operária da Madeireira Gomes: trabalho, moradia e dominação – Irati (PR) – 1950-1985.

E acontece que os operários se identificam com a “casa” onde trabalham, vangloriam-se de sua estabilidade, do recrutamento hereditário que une sua linhagem à empresa. [...]. Os conflitos são raros nessas condições, e assumem um significado mais dramático: dilaceramento do tecido familiar, revolta contra o pai... mais difícil do que a coalizacão contra um empregador comum. A ausência de greves, que merece a mesma atenção do que a existência delas, pode se explicar pela densidade de tais relações que, sob certos aspectos, assemelham-se à condição doméstica.⁵²

Fotografia 11 – Festa de final de ano - almoço com a família dos trabalhadores.



Fonte: Acervo da Casa da Cultura de Irati.

Com intuito de reforçar ainda mais o controle sobre seus trabalhadores, Edgard Gomes realizava algumas confraternizações, como a festa de fim de

⁵² Michele Perrot, *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*, (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988).

ano e a festa em homenagem ao aniversário de sua mãe. Na primeira *“ele dava cerveja no dia 31 de Dezembro, fazia uma cervejada mesmo”*.⁵³ Também tinha pequenas festas de confraternização com alguns grupos de trabalhadores. *“Numa dessas teve um encrenca feia com os motoristas e alguns outros camaradas da fábrica, onde fez com que seu Edgard parasse por um tempo com esse tipo de festas”*.⁵⁴

As formas que Edgard Gomes conduzia sua empresa eram tão eficientes que em toda a história da fábrica não ocorreu nenhuma ameaça de greve, nem especulações e nem boatos. De certo modo, as formas de dominação que este exercia perante aos seus não davam motivos, ou não permitiam que, os trabalhadores se organizassem para reenvindicar melhoras de trabalho e de moradia.

Era tradição entre a administração das fábricas a situação de trocarem ocasionalmente seus trabalhadores quando estes realmente queriam. Há relatos que existia certo pacto entre as fábricas nos assuntos que norteava a contratação e acordos entre os trabalhadores.

Eu já trabalhava no Gomes, mas saí porque queria melhorar um pouco meu salário, pegar uma casa e um caminhão da firma pra trabalhar. Eu queria ser é caminhoneiro, visto que isso não vinha. Depois de eu dar várias iniciativas cheguei ao Seu Fernando⁵⁵ e pedi pra fazer um acordo. Ele com muita cautela me falou que tinha um detalhe só. Que iria fazer o aviso atrasado e que eu teria que repor 40% do FGTS pra que o acordo saísse correto. Então falei, eu já vi que o senhor tá me ajudando, não vai ter nenhum problema. No sábado eu peguei um saco de coberta com algumas roupas e no domingo fui acertar

53 Keszán, entrevista citada.

54 Pires, entrevista citada.

55 Fernando Feniano Gomes, filho do Sr Edgard Gomes, um dos gerentes da fábrica.

A vila operária da Madeireira Gomes: trabalho, moradia e dominação – Irati (PR) – 1950-1985.

o serviço lá em Inácio Martins. Mas passou um tempo e não me acostumei naquela região devido o inverno que lá é muito rigoroso. Passou um tempo e tive a oportunidade de vir para Irati entregar uma carga de ripa de cerca pra uma pessoa que comprou aqui na cidade. Neste dia vim conversar com o Seu Fernando. Cheguei encostei o outro caminhão na frente e sentei num sofazinho que tem no escritório e me falaram que o Fernando deu uma saída, mas logo ele retornou e veio sentar do meu lado no sofazinho, e me falou assim E ai Lioncio ta disposto. To a tua disposição falei pra ele, só que tem um probleminha o seu Molinari que era o meu chefe lá em Inácio Martins não quer deixar eu sair de jeito nenhum. E ele me mandou falar pro Molinari assim - fala pro Molinari que ele faça pra mim o que eu fiz pra ele quando você foi trabalhar lá⁵⁶.

Pode-se observar que não havia um reconhecimento dos administradores perante alguns trabalhadores que mostrava potencial e capacidade para assumir outros cargos, assim como anseios por melhoras de salário não eram bem vistos pela administração, influenciando o trabalhador a se submeter em um “acerto de contas” para conseguir tal liberação e prosseguir tentando em outro lugar por melhores condições de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emergência da indústria trouxe consigo uma tentativa de reorganização do trabalho, e principalmente do controle dos trabalhadores em certas circunstâncias de seu cotidiano no século XIX. Uma dessas formas e/ou tentativas de controle exercidas pelas fábricas foi à construção de vilas operárias em cidades ou em localidades rurais⁵⁷.

56 Pires, entrevista citada.

57 Márcia T. da Silva Oliveira e Ancelmo Schörner, “Fábrica com vila operária: a dominação

O objetivo deste trabalho foi discutir as relações que se estabeleceram entre a fábrica do Gomes e seus trabalhadores, principalmente os que moravam na vila operária.

Em Irati esse sistema usado pelas madeireiras é notório, devido não só a indústria Emilio B. Gomes utilizar-se da construção de casas para seus operários, como tantas outras já citadas.

O fato de não ter havido greve durante toda a trajetória da fábrica, ilustra bem as conformidades que a “segurança de viver na vila operária” lhes proporcionava através da figura paternalista do patrão.

A pesquisa teve como ponto de partida a relação que os funcionários e suas famílias tinham com a fábrica e tudo o que ela criou ao seu redor, ou seja, a fonte de trabalho, lar, educação, lazer, formas culturais, meio de renda e como que se davam, todos esses relacionamentos dentro do complexo fabril⁵⁸.

As relações paternas existentes trouxeram um sentimento de pertença a uma grande família, através do oferecimento das casas. As ações de operários que ousassem burlar as expectativas dentro do sistema, esbarram, conseqüentemente, na probabilidade de coerção através da demissão e simultaneamente a perda da moradia, configurando o rompimento da relação paternal ou de reciprocidade existente na estrutura da dominação. Contudo, *“essa hipótese é como se fosse totalmente isolada, pois, o maior benefício que o trabalhador tinha era a sua morada”*.⁵⁹

específica – o caso da empresa industrial Garcia, de Blumenau/SC (1947-1974)”, Blumenau em Cadernos, Blumenau, n.º 7/8, ago./2007.

58 Entende-se por tudo que a indústria cria ao seu redor e que a serve de algum modo seja específico ou não.

59 Paulo F. Keller, *Fábrica & Vila Operária: a vida cotidiana dos operários têxteis em Paracambi-RJ*, (Rio de Janeiro: Sólton Ribeiro, 1997), 49.

A legitimidade das relações paternas de dominação é garantida seja através de uma atitude interna, seja através de uma expectativa de determinada consequência externa. No primeiro caso, a legitimidade baseia-se em um sentimento afetivo em relação ao mundo fabril, percebendo-o não como um simples local de trabalho, uma unidade de produção, mas com um sentimento afetivo oriundo da crença no pertencimento a uma grande família fabril.

Contudo, esta era uma forma de controle e disciplina para os empregados, e também de estímulo a dar o melhor em prol da empresa, pois não queriam perder os benefícios que lhes eram concedidos.

Analisando as entrevistas e conversas com ex-trabalhadores e moradores da vila operária, podemos perceber que apesar das decepções sofridas, pelas implorações de favores outros, pelos baixos salários, pelas longas jornadas de trabalho, pela sufocante fiscalização por parte dos administradores, mesmo com tudo isso, o benefício de morar numa “casa de graça” e ainda ter o emprego garantido para seus filhos, eram realmente vistos pela maioria dos trabalhadores, como benefícios e não como forma de dominação ou controle.

O sentimento de estar devendo favores e obrigações eternas a Edgard Gomes, está presente até os dias de hoje, pessoa por qual são eternamente agradecidos. Todos os trabalhadores deixaram bem claro nas entrevistas que a Emilio B. Gomes foi a maior e melhor fábrica de Irati, e que patrão igual ao Seu Edgard não e

ABSTRACT: The creation of spaces to house workers is an important chapter of Brazilian industrialization. There are many designations that these places have been in Brazil since the late nineteenth century, depending on their characteristics as to size, shape, location, political and administrative status, the type of activities which are linked and when they arise, is that workers' village is one of the most common. Thus, the emergence of the industry brought with it an attempt to reorganize work and especially of workers' control in certain circumstances of everyday life of the nineteenth century. One of these forms and / or attempts to control plants was carried out by the construction of workers' villages in cities or rural areas. This was the case of Emilio B. Wood Gomes & Sons S/A will be investigated on a specific type of domination: the workers living in houses that belonged to the company.

Keywords: Irati (PR), workers; domination.

RESUMEN: La creación de espacios para contener a trabajadores es un capítulo importante de la industrialización brasileña. Hay muchas designaciones que estos lugares han estado en Brasil desde finales del siglo XIX, en función de sus características en cuanto a tamaño, forma, ubicación, estado político y administrativo, el tipo de actividades que están vinculadas cuando éstas se produzcan, es que la aldea de los trabajadores es uno de los más comunes. Por lo tanto, el surgimiento de la industria trajo consigo un intento de reorganizar el trabajo y en especial de control de los trabajadores en ciertas circunstancias de la vida cotidiana del siglo XIX. Una de estas formas y los intentos de controlar las plantas se llevó a cabo por la construcción de las aldeas de los trabajadores en las ciudades o zonas rurales. Este fue el caso de Emilio B. Wood Gomes & Hijos S/A se investigó en un tipo específico de dominación: los trabajadores que viven en casas que pertenecían a la empresa.

Palabras clave: Irati (PR), obreros, dominación.